

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Permanências e ruptura: mulheres, família e casamento em Teresina nos anos 1970

Márcia Castelo Branco Santana*

Resumo: As mulheres que construíram seus processos de individuação a partir dos anos 1960 tiveram suas vidas marcadas por novas experiências, principalmente no que se refere às possibilidades femininas no mundo do trabalho e no processo de escolarização. Em Teresina, o impacto das novas propostas vão ser sentidos e divulgados com intensidade nos jornais escritos, que abordam enfaticamente as tensões, os medos e os desejos relativos ao universo feminino. Dessa forma o presente texto tenciona refletir sobre as sociabilidades femininas, sobre as práticas familiares em torno do casamento e das novas possibilidades abertas às mulheres, bem como, entender como tais mudanças foram sendo escritas e representadas pela imprensa. Na elaboração do texto utilizamos crônicas e notícias veiculadas no Jornal **O Dia** na década de 1970.

Palavras-chave: Gênero - Família - Imprensa

Abstract: Women who constructed their individuation process apart the 1960's had their lives marked by new experiences, especially in what reffers to the female possibilities in the world of the work and in the education process. In Teresina, the impact of the new purposes will be felt and reported with intensity in the written journals, which talk about tensions, fears and desires in relation to the female universe. This way the present text means to reflect about the female sociabilities, about familiar practices around the wedding and the new possibilities open to the women, as well as, to understand how such changes were written and represented by the press. In the elaboration of the text we used chronicles and news reported in the newspaper "O Dia" in the 1970's.

Keyword: Gender – Family – Press.

Quando iniciei minha pesquisa para o mestrado a primeira fonte que consultei foi um jornal que circulava em Teresina desde o início dos anos 50. Como meu recorte temporal de estudo está mais voltado para a década de 1970 fiz uma leitura mais detalhada das notícias que circulavam no Jornal O Dia naquele período. Nesse percurso foi chamando minha atenção um número considerável de matérias jornalísticas que sinalizavam para o crescimento e urbanização da cidade, paralelo a outras notícias que veiculavam ora a inserção intensa de

* Mestranda em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí - UFPI

valores modernos na sociedade teresinense ora um apego aos valores tradicionais para a família e a mulher.

Diante dessas informações escolhi, então, realizar uma análise do material tencionando refletir sobre as sociabilidades femininas, sobre as práticas familiares em torno do casamento e das novas possibilidades abertas as mulheres, bem como entender como tais mudanças foram sendo escritas e representadas pela imprensa naquele momento. Para constituição desse trabalho privilegiamos uma pesquisa que analisa os textos publicados no referido jornal entre os anos de 1970 a 1979.

O conceito de prática escriturística¹ de Michel de Certeau (1994) foi fundamental para entendermos como os jornalistas iam delineando, pelo escrito, formas de comportamentos para a sociedade, na medida que abordavam quais deveriam ser a postura de uma mulher frente as novas experiências e vivências da década 70. Discurso também direcionado para o universo familiar, pois o modelo de família nuclear formado a partir de uma relação matrimonial e legal que cabia ao homem ser o provedor e chefe da família e a mulher a parceira que cuidava da harmonia do lar sinalizaram para profundas transformações no que concerne a sua composição e a superioridade que o marido possui com relação à esposa e os filhos.

Outro conceito fundamental no trabalho são os de representação² e gênero³. Quando manuseamos a documentação hemerográfica foi constituindo a idéia de pensarmos como as mulheres ganharam visibilidade naquele meio e se fizeram visíveis. Nesse ponto o uso do conceito de representação segundo Roger Chartier foi uma referência para realizarmos as análises das fontes e percebermos que “[...] formas institucionalizadas e objectivas graças às quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade” (CHARTIER, 1990:23).

¹ Três idéias fundamentais articulam esse conceito: o de “pagina em branco”, o de “construção do texto” e o de “produção de sentido”. Quando Certeau constituiu a idéia de página em branco nos remete ao fato de que há “[...] um lugar de escritura, do domínio (isolamento) de um sujeito diante de um objeto”; na construção do texto as articulações das palavras constitui o mundo que se idealiza, que se deseja; por fim temos a produção de sentido que visa mudar a realidade a qual se destina, para ordena-la enquanto um corpo social harmônico. A partir desses três pontos é possível afirmar que a prática escriturística ocorre de um lugar próprio de saber, onde estão imbricados o poder e o conhecimento que se estruturam no discurso para criar regras e modelos como o objetivo de prescrever uma ordem para o corpo social a qual se destina (CERTEAU, 1994:221-230).

² “[...] práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; [...]” (CHARTIER, 1990:13-28).

³ Esta é uma discussão feita a partir do texto “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” de autoria de Joan Scott e publicada na revista Educação & Realidade, 1995.

Emerge paralelo a essa questão a preocupação de refletirmos como no jogo de representação as identidades de gênero foram abordadas. Daí porque buscarmos o conceito de gênero de Joan Scott que traz uma discussão relacional e plural do que sejam as categorias homem e mulher, vistas aqui não como categorias fechadas e dadas, mas construídas historicamente no seu interior e entre elas (SCOTT, 1995). Perspectivas que nos ajudou na compreensão de como o masculino e o feminino ganham contornos diversos conforme os discursos e estratégias específicas de sua elaboração.

Ao buscarmos compreender os significados dessas expressões podemos penetrar nas diversas manifestações do que era escrito e representado sobre a sociedade teresinense, assim como percebermos os impactos daquelas transformações no viver feminino. Para isso a abordagem terá como primeiro momento uma reflexão do que a imprensa expressou sobre as novas sociabilidades femininas, marcadamente relacionando estas com a questão do trabalho e educação. O acesso cada vez mais intenso das mulheres no campo da educação e aliado a isso a preocupação da afirmação feminina no mercado de trabalho gerou uma série de discussões enfatizando não só essas questões como em que sentido esses foram investimentos delineadores de outros arranjos familiares. O que nos proporcionou pensarmos um segundo momento, na elaboração do texto, como esses novos arranjos na família foram abordados pelos jornais, assim como os modelos prescritos.

AS EXPERIÊNCIAS FEMININAS NA DÉCADA DE 1970 EM TERESINA

Quando em 1971 o governo estadual anunciava para os piauienses a implantação definitiva de uma instituição superior na cidade - Universidade Federal do Piauí - setores mais abastados de Teresina consolidavam a certeza de que a capital do Piauí passava por um momento de profundas mudanças em diversos setores e que a educação configurava-se como o reflexo dessa situação. Isso por que a universidade representava um campo de formação de profissionais qualificados para economia local ao mesmo tempo que representava a marca de uma sociedade antenada com o que de moderno poderia ser identificado em um lugar.

O reflexo dessa euforia foi traduzido pela imprensa local que teceu vários comentários elogiosos ao governo, maior responsável pela realização do projeto. Ao lado dessa euforia era notório o entusiasmo da população pela entrada de Teresina no contexto de novos horizontes culturais e educacionais, que se tornaram fatores definidores de experiências inovadoras para homens e mulheres. Questões que seriam ampliadas a partir de outros hábitos

que reforçaram a delineação de valores e costumes distintos do que, até então, eram visualizados entre os teresinenses.

Isso se dava em virtude do próprio acesso feminino aos espaços públicos que se concretizou a partir da década de 60 no Brasil, sendo um contexto pertinente em Teresina nos anos 70, pois o que temos em décadas anteriores era a idéia muito forte de que cabia a mulher como destino natural o lar. Para tanto se articulava no meio brasileiro a propagação exaustiva de uma imagem feminina centrada na fragilidade, delicadeza de abnegadas criaturas que iriam, quando assim fosse à hora, serem mães e esposas mantedoras de lares felizes. Construção que teve sua delimitação no início do século XX e que voltou com força nos anos 50, quando foi necessário retirar uma parte considerável dessas mulheres do espaço do trabalho para que os homens retornassem ao seu posto após a guerra.

Para Maria Lúcia Rocha-Coutinho a ênfase nessa ideologia foram tão pertinentes que:

uma carreira era praticamente inconcebível para a mulher nos anos 50 e início dos anos 60 e sua educação percebida como um luxo, visava principalmente a criar mães melhores, companhias mais agradáveis para seus esposos e melhores companheiras para os maridos com carreiras. Embora algumas mulheres tenham ido à universidade, a carreira ou o curso universitário deveriam ser abandonados como o casamento (ROCHA-COUTINHO, 1994:101).

Considerava-se, então, a mulher não a partir do que possuía enquanto desejo e vontade pessoal, porém do que poderia oferecer enquanto mulheres dedicadas aos filhos e ao marido. Desse modo sua realização passava primeiramente pelo sucesso dos outros, na medida que ela servia como base para que os filhos atingissem seus objetivos sem grandes abalos, bem como o esposo conseguisse seu sucesso profissional.

O que de certa forma levou o encorajamento por parte daquela sociedade de que os esforços femininos deveriam ser voltados para o desenvolvimento de atividade que pudessem identificá-las como perfeitas “rainhas do lar”. Quadro também mantido a partir de um controle rígido sobre a sexualidade feminina, uma vez que ser virgem e recatada eram condições necessárias para que as moças conseguissem realizar um casamento desejado pela família, pois a mulher que não se mantinha em tal condição, que vivia sem limite e freqüentava lugares impróprios para uma garota considerada de família ficava mal falada, conseqüentemente não possuía as características ideais para o casamento idealizado pela sociedade dos anos 50 e 60.

Daí porque muitas não seguiam com seus estudos ou com uma vida profissional que rompessem com esses padrões. E aquelas que faziam tal opção o conquistavam mediante

estarem moldando suas realizações pessoais às cobranças de que deveriam dedicar-se também ao papel de abnegadas donas de casa, mãe e esposa.

A ambigüidade vivenciada por tais mulheres reverberou muito bem na insatisfação que marcou a vida de algumas delas que começaram a perceber as limitações do tradicional papel de rainha do lar ao qual era destinado a sua pessoa. Segundo Rocha-Coutinho o que antes era pensado como um projeto familiar, desloca-se para outro sentido na medida que:

[...] o questionamento de que o casamento traz a felicidade eterna como esposa e mãe levou as mulheres não só a buscar novas formas de realização pessoal numa profissão ou trabalho como também as formas alternativa de relacionamento afetivo e sexual (ROCHA-COUTINHO, 1994:117).

Portanto, as mulheres daqueles anos situaram-se entre viver um papel tradicional ou buscar mudanças que contemplassem suas necessidades individuais. Nesse jogo era presente um número cada vez maior de jovens investindo em uma carreira e profissão sem abandoná-las quando casavam. Perspectiva que possibilitou a presença considerável de mulheres em espaços públicos tradicionalmente recortados como masculinos.

É válido lembrarmos que esse quadro foi marcado, principalmente, pelo investimento realizado no mundo do trabalho e no processo de escolarização que permitiu não só essas que essas jovens trilhassem uma vida profissional como ampliou seu campo de vivência e formulação de novas experiências individuais. Nesse sentido, salientamos que tal deslocamento significou a abertura de discussões na imprensa ora contemplando os efeitos daquelas conquistas para as mulheres ora colocando em questão que conseqüências mais pertinentes às conquistas femininas representavam para a sociedade⁴.

Geralmente o desenvolvimento dessas construções ocorria em períodos que havia uma crítica aos padrões vigente e outros valores estavam sendo estabelecidos. Em face dessas mudanças havia uma gama de argumentos que abordavam enfaticamente em que medida os novos padrões interferiam na vida dos indivíduos, bem como os que deveriam ser incorporados ou afastados.

Teresina, na década de 70, passa por um desses momentos como abordamos no início dessa discussão. Aqueles eram anos que marcaram a cidade de forma distinta, pois não só a cidade ganhou novos investimentos em termos infra-estruturais como os teresinenses

⁴ A respeito desse conflito vivenciado pelas mulheres teresinenses na década de 50 e 60 e abordado com ênfase na imprensa, consultar CARDOSO, Elizangela Barbosa. **Múltiplas e singulares**: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970). Teresina: F.C.M.C., 2003.

passaram a vivenciar de maneira mais próxima com valores modernos que eram divulgados pelos meios de comunicação ou mesmo incorporados aos hábitos da sociedade.

Quadro manifestado com nitidez no Jornal O Dia ao abordar em suas páginas vários desses novos hábitos e padrões de valores que os habitantes de Teresina já possuíam, como revela os seguintes fragmentos da coluna de Ismael Santana em abril de 1970.

Se na época dos nossos avós muitas mulheres foram proibidas de freqüentar escolas superiores destinadas exclusivamente a formação de homem para as profissões liberais – se no tempo de nossos pais não era visto com bons olhos o fato de mulheres passarem o dia inteiro fora dos seus lares – na época atual, é coisa previamente decidida que, em todas as famílias homens e mulheres se equiparem na luta pela vida, produzindo e se elevando por meio do trabalho honesto e bem orientado (SANTANA, Ismael. A mulher que trabalha. O Dia, Teresina, ano XX, n. 2968, p. 7, 11 abr. 1970).

No trecho podemos identificar o destaque que o articulista deu as práticas consideradas inovadoras para a sociedade piauiense e em particular para o universo feminino. Nesse sentido, já era possível visualizar o comportamento feminino para além dos papéis que tradicionalmente circunscreviam a mulher em mães e donas de casa.

No entanto, o discurso nem sempre emergia de maneira homogênea nos jornais. Ao folhearmos os anos de 1971 a 1975 encontramos artigo que mostravam uma preocupação da preservação dos valores tradicionais na sociedade, assim como entre as mulheres, destacando, por exemplo, como estas deveriam fazer para conviverem bem com os homens e para desenvolverem o perfil de qualidade exigido por estes na hora de escolherem uma esposa.

Nas interfaces dessas escritas podemos visualizar abordagens que delineavam pontos fundamentais para o mundo feminino: deixavam claro quais os comportamentos esperados daquelas mulheres e definiam que modelos estas deveriam seguir. As definições ocorriam com o objetivo de pontuar que espaços e comportamentos cabiam as moças e ao rapaz, numa época onde esses limites não possuíam demarcações precisas em virtude das modificações dos padrões culturais que proporcionaram rapazes e moças, homens e mulheres uma convivência mais próxima.

Assim, para as moças que começavam a ingressarem mais fortemente no mercado de trabalho e nos cursos superiores alargando suas experiências, os escritos presentes nos jornais pontuavam suas conquistas mostrando os benefícios que estas traziam para a sociedade, porém alertando as mulheres como deveriam conviver com as novidades sem abandonarem os papéis tradicionais tão bem realizados em épocas anteriores. Ou seja,

representavam essas mulheres a partir de tais elementos enfatizando um modelo escriturado por aspectos conciliadores entre as permanências e as novas experiências, chamando a atenção para dosarem com cuidado essas questões no sentido de não desestruturarem o lar ou abandonarem os desejos individuais. Esperava-se da mulher que ela fosse esse ponto de equilíbrio ao conviver com os novos arranjos sem distanciar-se das atitudes de recato, sacrifício e dedicação à estabilidade familiar.

Carla Bassanezi aborda que “Na ideologia dos Anos Dourados maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam ponte da essência feminina; sem história, sem possibilidade de contestação” (2002:609). Não sendo estranho para aquele contexto considerar a família a partir do que a mulher representava nessa instituição. Os comportamentos cobrados das jovens casadoiras era o de recato e pureza como requisito para conduzirem à futura família dentro de padrões de moralidade posto naquele momento. Das mulheres casadas esperava-se o cumprimento de suas atividades domésticas, serem esposas abnegadas e prestativas, bem como mães dedicadas ao sucesso dos filhos.

Nos últimos anos da década de sessenta esse modelo começa a sofrer suas primeiras críticas com a inserção de outros padrões de comportamento nas relações familiares, o que permitiu a formação de arranjos e hábitos distintos dos que estavam até então presente na família. A mulher passou a buscar objetivos para além do casamento, investindo nos estudos e profissão.

As análises das fontes nos permitem dizer que Teresina já convive nos anos 1970 com uma multiplicidade de pensar e olhar quais seriam as escolhas mais apropriadas para as mulheres, pois havia discursos que assinalavam para conciliação entre os papéis tradicionais de mãe, esposa e profissional, quanto os que demonstravam a necessidade de uma independência completa desses elementos no viver da mulher. Desse modo, essas mulheres foram subjetivando sua individuação, a partir da família, dos estudos, profissões e mesmo do casamento, uma vez estes passaram a ser caminhos possíveis em sua vida.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 Fontes

Jornal

O Dia, de 1970 a 1979, circulação diária.

2 Referências Bibliográficas

AZZI, Riolando. *Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964)*. In: MARCILIO, Maria Luiza (Org.). **Família, mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1993. Pp. 101-189.

BASSANEZI, Carla. *Mulheres Nos Anos Dourados*. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002. Pp. 381-416.

BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**: a reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. **Múltiplas e singulares**: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970). Teresina: F.C.M.C., 2003.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História, estudos de gênero e contemporaneidade*. In; PINHEIRO, Áurea da Paz (Org.). **Cidade, História e Memória**. Teresina, EDUFPI, 2004. Pp. 261-269.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *Introdução; Por uma sociologia histórica das práticas culturais*. In: _____. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. Pp. 13-28.

GIDDENS, Antony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PEDRO, Maria Joana. *Mulheres ao Sul*. IN: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002, Pp. 278-321.

PERROT, Michelle. *Escrever uma história das mulheres: um relato de experiências*. In: **Cadernos Pagu**. nº 4. São Paulo. 1995. Pp. 9-28.

DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres: as vozes do silêncio*. In: FREITAS, Marcos (org.) **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998. Pp. 217-235.

QUEIROS, Teresinha de Jesus Mesquita. *Juventude, cultura e linguagem na década de sessenta*. In: _____. **Do singular ao plural**. Recife: Edições Bagaço, 2006. Pp. 225-236.

_____. *Juventude anos sessenta no Brasil: modos e modas*. In: _____. **Do singular ao plural**. Recife: Edições Bagaço, 2006. Pp. 273-291.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por traz dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SCOTT, Joan. Gênero: *uma categoria útil de análise histórica*. In: **Educação & Realidade**. Vol. 2, nº 20, jul. /dez. 1995. Pp.71-99.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.